



PEDRO e ELUISA

**morrer
antes
do
fim**

texto
NUNO GOMES DOS SANTOS
fotos
JOSÉ TAVARES

92
SAN

92 SAN

PEDRO E LUÍSA
MORRER ANTES DO FIM.

FOTOS:
JOSÉ TAVARES

CAPA:
RODIL GARCIA

NUNO GOMES DOS SANTOS

PEDRO E LUÍSA
MORRER ANTES DO FIM



N.º 9095

dh edições dêagá

Rua Custódio Vieira, 6-1.º-D1.º — Lisboa 2

Tels.: 65 23 32-68 84 30

Reservados todos os direitos em Língua Portuguesa
pela legislação em vigor

Distribuidor Exclusivo:

VASP — Sociedade Transportes e Distribuições, Lda. — Tel. 36 76 06

*à Isabel
pelo exemplo de Pedro
e de Luísa*



Feliz o Partido que ao fazer o balanço da vida dos seus militantes mortos pode dizer de um, de Pedro, que, em 60 anos de vida, consagrou mais de 40 à luta revolucionária; que foi preso e torturado numerosas vezes e sempre suportou estoicamente a prova; que passou 12 anos nas prisões; que duas vezes se evadiu para voltar à luta; que passou longos anos de vida clandestina e que sempre esteve pronto a executar as tarefas que lhe foram confiadas e a executá-las com a dedicação, com a coragem, com a firmeza, com a alegria daqueles que na luta nada pretendem para si próprios, pois apenas pretendem servir o povo e o País.

E pode dizer de outro, de Luísa, católica e comunista que, de um alto exemplo de dignidade e de firmeza moral, soube vencer também de cabeça erguida as perseguições, a clandestinidade, a tortura e a prisão.

Alvaro Cunhal



À VIDA



*«As vidas dos revolucionários valem como
sementes nas lutas dos povos»*

Alvaro Cunhal





Pedro e Luísa no exílio, em Itália

Pedro Soares, membro há 22 anos do Comité Central do Partido Comunista Português, nasceu em Beringel, em 1915. Professor do Ensino Secundário foi, nos seus tempos de juventude, colaborador de jornais de Beja e do vespertino lisboeta «República», para os quais escreveu artigos que o marcaram como lutador antifascista.

Enquanto estudante liceal, pertenceu, em Lisboa, aos Grupos de Defesa Académica, antes de ser membro da Federação da Juventude Comunista.

Dos 12 anos que passou nas prisões fascistas, os piores terão sido os seis que perdeu no Tarrafal. O contacto com a prisão, aliás, começou em Março de 1934. Libertado pouco depois, seria de novo preso em Dezembro desse ano. Causa: a actividade revolucionária («subversiva», como então se dizia) desenvolvida no Alentejo, entre os trabalhadores.

Foi então enviado para o Tarrafal, voltando à liberdade em 1940 e retomando imediatamente a luta.

No meio estudantil ou colaborando activamente na reorganização do Partido, Pedro Soares prossegue o trabalho que a si mesmo impôs: o combate à ditadura fascista.

É preso de novo. Corria o ano de 1942 e o vigoroso militante comunista é mandado de novo para o Tarrafal, de onde só regressa em 1946.

Indomável, retoma de pronto a actividade partidária. Mas a P.I.D.E. espreitava-lhe cada passo, vigiava-lhe cada gesto. Acaba por prendê-lo de novo, em 1954.

Acompanhado de Joaquim Gomes dos Santos, Pedro Soares evade-se e continua a sua luta sem tréguas contra o fascismo.

Novamente preso pela P.I.D.E., é mandado, em 1960, para a cadeia de Peniche, de onde se evade, juntamente com Alvaro Cunhal.

Argel será a etapa seguinte. «Pedro, que em 60 anos de vida consagrou mais de 40 à luta revolucionária», parte para essa cidade do Norte de África onde, durante alguns anos, foi representante do P.C.P. na direcção da Frente Patriótica de Libertação Nacional.

Doze anos de prisão, 40 de luta, mais de 20 de clandestinidade, 22 como membro do Comité Central do Partido: os números que completam o retrato de Pedro, «que sempre esteve pronto a

executar as tarefas que lhe foram confiadas, com a dedicação, com a coragem, com a firmeza, com a alegria daqueles que na luta nada pretendem para si próprios, pois apenas pretendem servir o Povo e o País.»

Pedro Soares fora eleito, em 25 de Abril, deputado à Assembleia Constituinte pelo círculo de Santarém.



María Luísa da Costa Dias, mulher de Pedro Soares, era médica de profissão.

Natural de Coimbra, Luísa pertenceu ao Socorro Vermelho e aderiu ao M.U.D. em 1945. Entrou na clandestinidade, juntamente com seu companheiro, em 1951.

Presa pela primeira vez em 1953, numa casa clandestina em Palmela, sai em liberdade em 1956 para voltar a cair nas masmorras da P.I.D.E. em 1958.

Fazem-na sair da prisão após uma grande campanha nacional e internacional motivada pelas precárias condições de saúde em que se encontrava.

Na clandestinidade de novo em 1963, cumpre várias missões no estrangeiro, sempre ao serviço do Partido, nomeadamente representando as mulheres portuguesas na Federação Democrática Internacional das Mulheres, a cujo conselho pertencia.

Abandonou a carreira médica para se dedicar exclusivamente às tarefas do Partido Comunista Português, sendo ainda membro, desde a sua fundação, do Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, fazendo parte, na altura da sua morte, do Executivo Nacional do Movimento e do Secretariado do Executivo de Lisboa.

Ao todo, sete anos de prisão e mais de 20 na clandestinidade para Luísa Costa Dias, «católica e comunista que, de um alto exemplo de dignidade e de firmeza moral, soube vencer de cabeça erguida as perseguições, a clandestinidade, a tortura e a prisão».



*Em Peniche, antes de ser enviado para o Terrafal.
Pedro Soares é o primeiro da direita.
(Foto tirada em 20/8/37)*

A MORTE



1 — A DÚVIDA

«Num acidente de viação morreram dois destacados elementos do P. C. P.»

Com este título noticiavam os vespertinos de sábado, dia 10 de Maio de 1975, a morte de Pedro e Luisa.

Na manhã desse dia, a Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português emitia o seguinte comunicado:

«A Comissão Política do Comité Central do P. C. P. informa todas as organizações e membros do Partido, a classe operária, os trabalhadores, os democratas e o povo que acabam de perder a vida num brutal acidente de viação, ocorrido às primeiras horas de hoje, na auto-estrada do Norte, os queridos camaradas Pedro Soares, membro do Comité Central do P. C. P., e Maria Luísa Costa Dias. Os camaradas regressavam de

uma reunião partidária, realizada em Benavente, e eram transportados na viatura do camarada Licínio Falé, que se encontra hospitalizado com graves ferimentos e em estado de choque, esperando-se que recupere. O carro causador do acidente foi um Mercedes, matrícula IL-86-81, cujos ocupantes desapareceram. O caso foi entregue às autoridades e está-se a proceder a averiguações. Logo que seja possível, a Comissão Política do Comité Central do P. C. P. comunicará o local e a hora da câmara-ardente e o dia e hora do funeral, por forma a que todos os militantes, simpatizantes e amigos do Partido, todos os trabalhadores, todos os que, desejem o possam prestar a merecida homenagem aos camaradas Pedro Soares e Maria Luísa Costa Dias, cuja vida foi inteiramente dedicada à causa da liberdade e dos interesses dos trabalhadores e do povo português.»

O caso, entretanto, levanta suspeitas. Fala-se à boca cheia em atentado. A dúvida aparece nas interrogações de muita gente. Nos jornais, lia-se:

«Está por esclarecer a natureza do acidente» (Século, 13 de Maio de 1975), ou: «Drama e mistério na auto-estrada — Acidente ou atentado?» (Sempre Fixe, 17 de Maio, a quatro colunas da primeira página). No continuado o «Sempre Fixe» titulava: «Mantém-se a dúvida sobre o acidente».





O «Diário de Lisboa», por sua vez, e a 12 de Maio, publicava o seguinte:

«Entretanto prosseguem as averiguações tendentes a reconstituir o acidente e ao apuramento de responsabilidades dos intervenientes no desastre. Neste momento, embora se ponha de parte a hipótese de premeditação, sabe-se que a matrícula do «Mercedes» que abalroou o «mini» em que seguiam Pedro Soares e Luísa Costa Dias, o qual era conduzido por Licínio Falé, que apenas ficou ferido, tinha matrícula falsa. Era conduzido por Alfredo Nunes de Sousa, cuja carta de condução foi passada no Zaire.

«No mesmo «Mercedes» viajava José do Espírito Santo, dono do carro em questão e de um outro, ao qual pertence a matrícula que o «Mercedes» usava, no momento do desastre.

«Este carro fora adquirido há seis dias na firma Stocar, um «stand» de automóveis usados, em Sacavém.

«Tanto o Nunes de Sousa como o José Espírito Santo se puseram em fuga imediatamente após o acidente, servindo-se para tal, de um táxi.

«A Polícia Judiciária investiga ainda o caso, havendo neste momento a assinalar afirmações contraditórias proferidas pelos ocupantes do carro com matrícula falsa. O inspector Gomes Dias aguarda a oportunidade de ouvir Licínio Falé,

condutor do «mini» abalroado, a fim de esclarecer alguns pontos-chave.

«Espírito Santo e Nunes de Sousa continuam detidos, sob a acusação de abandono das vítimas, embora esteja ainda por esclarecer a questão da matrícula falsa. A P. J., porém, não crê que isso tenha qualquer relação com o acidente.»

A dúvida, também, nos familiares:

«Custa-nos a acreditar que tenha sido um desastre vulgar», confidenciaram no «Sempre Fixe» o irmão e a cunhada de Luísa Costa Dias.

Os factos, que continuam por esclarecer, são, concretamente, os seguintes:

A poucos quilómetros da Portagem de Sacavém, cerca da 1 e 30 da madrugada de 10 de Maio de 1975, um «Mercedes» matrícula (falsa) IL-86-81, conduzido por Alfredo Nunes de Sousa e transportando ainda o proprietário do carro, José do Espírito Santo, embateu num «mini», conduzido por Licínio Falé, no qual viajavam Pedro Soares e Luísa Costa Dias, que morreram, em consequência dos ferimentos recebidos, quando eram transportados para o Hospital de Santa Maria.

Os dois ocupantes do «Mercedes» puseram-se em fuga, abandonando as vítimas, servindo-se, para isso, de um táxi que apanharam nas imedia-



«...junto do povo, sem emblemas partidários.»

ções do local do desastre e cujo condutor nunca apareceu.

A matrícula do «Mercedes», falsa, como dissemos, pertencia a um outro carro do José Espírito Santo e, ao que se crê, terá sido mudada de uma para outra viatura para escapar ao fisco.

Abílio Lobato dos Santos, dono da «Stocar», o sucateiro que vendeu o carro ao José Espírito Santo, partiu para o Brasil 24 horas após o acidente.

Licínio Falé, condutor do «mini» abalroado pelo «Mercedes» de matrícula falsa, declarou que «podia ter sido um atentado se o condutor fosse muito bom».

Atentado? Num comício da LUAR, em Setúbal, no dia 10 de Maio, Camilo Mortágua declara que Pedro e Luísa foram vítimas de «mais uma manobra da reacção».

O dr. Ribeiro Coelho, subdirector da Polícia Judiciária, no entanto, refere-se a crime mas, apenas, pelo «abandono das vítimas no local», afirmando que «todos os elementos até agora apurados firmam a convicção entre os investigadores de que a ocorrência está dentro do âmbito dos chamados acidentes de viação involuntários».







2 — COMUNICADO DO P. C. P.

No dia 13 de Maio, a Comissão Política do Comité Central do P. C. P. divulgava o seguinte comunicado:

«A Comissão Política do C. C. do P. C. P. enaltece o exemplo de militantes e de combatentes de Pedro Soares e Luísa Costa Dias, cujas vidas foram inteiramente dedicadas à luta pela liberdade e pela democracia, pela paz e pela independência nacional, pela defesa dos interesses dos trabalhadores e de todo o nosso povo. Pedro Soares e Maria Luísa foram abnegados lutadores pelos ideais do Socialismo e do Comunismo.

«Pedro Soares passou 12 anos nas prisões fascistas, seis dos quais no Campo de Concentração do Tarrafal, onde esteve submetido ao regi-

me de trabalhos forçados. Começou a luta contra o fascismo aos 16 anos de idade. Foi preso 5 vezes, a primeira quando tinha 19 anos. Nestas várias prisões foi brutalmente torturado, desde ferozes espancamentos à cruel tortura do sono.

«Evadiu-se das prisões de P.I.D.E. em Outubro de 1954 para retomar o seu lugar na luta e voltou a evidir-se em 1960 da Fortaleza de Peniche com outros camaradas. Foi um dos reorganizadores da Federação das Juventudes Comunistas e, de modo particular, do sector estudantil de Lisboa. Participou na reorganização do Partido em 1941-42. Tinha 40 anos de Partido, 22 de vida clandestina e era membro do C. C. há 22 anos.

«Maria Luísa Costa Dias começou também desde muito jovem a luta antifascista. Ainda nos anos 30 pertenceu ao Socorro Vermelho, organização internacional de solidariedade. Mais tarde viria a desenvolver grande actividade em campanhas nacionais e internacionais de solidariedade e pela libertação de presos políticos. Passou 7 anos nas prisões fascistas e viveu cerca de 20 anos na clandestinidade. Era membro do Conselho da Federação Democrática Internacional das Mulheres.

«A Comissão Política do Comité Central do P. C. P. convida as organizações, militantes e amigos do Partido, e os antifascistas em geral, a fazerem-se representar ou a incorporarem-se no funeral dos nossos saudosos camaradas.»



*Soldados e marinheiros prestam homenagem aos dois
comunistas mortos*



«...destacados membros do Partido Comunista Por-
tuguês...»

3 — CENTENAS E CENTENAS DE TELEGRAMAS E MENSAGENS

A Secção de Informação e Propaganda do P. C. P., também no dia 13, deu conhecimento, através dos órgãos de Informação, do seguinte comunicado:

«Provenientes de numerosas organizações, militantes e amigos do P. C. P., de outras organizações regionais e de direcções de outros partidos, de várias individualidades portuguesas e estrangeiras, de partidos comunistas de outros países, de embaixadas de países socialistas, já foram recebidos até agora centenas e centenas de telegramas e mensagens de condolências na sede do P. C. P. em Lisboa, na Avenida António Serpa, 26-2.º Dt.º»

Por sua vez, o Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas dava conta, no mesmo dia do

recebimento de um telegrama da Federação Democrática Internacional das Mulheres (F. D. I. M.) do seguinte teor:

«Profundamente emocionadas morte súbita nossa amiga Maria Luísa Costa Dias e seu companheiro Pedro Soares arrancados brutalmente actividade pela causa democracia e bem-estar Portugal à qual consagraram suas vidas, F. D. I. M. em nome 120 organizações filiadas 103 países exprime suas famílias e M. D. M. sinceras e sentidas condolências STOP dedicação e actividade incansável Maria Luísa seio Movimento Democrático Feminino Internacional constitui um exemplo sua lembrança permanecerá viva junto daquelas que a conhecem STOP neste momento doloroso asseguramos nossa plena solidariedade com vossa luta progresso social vosso País.»

Impossível seria aqui transcrever todas as mensagens ou, sequer, nomear quem as enviou. Lembraremos apenas que, se foram centenas e centenas as que chegaram à sede do Partido Comunista até ao dia 12, conforme o comunicado da Secção de Informação e Propaganda do P. C. P., no cômputo final esse número foi elevado para muitos milhares. Quase todos, manifestando o seu pesar pela morte dos dois militantes comunistas, exortavam todos os antifascistas e revolucionários portugueses a participar no funeral. Repare-



Cunhal e Dias Lourenço no primeiro turno de vela





-se, por exemplo, no telegrama enviado ao Comité Central pela célula do P. C. P. do «Diário de Lisboa»:

«A Célula do P. C. P. do «Diário de Lisboa» lamenta o trágico desaparecimento dos camaradas Pedro Soares e Luísa Costa Dias. A célula convida todos os jornalistas e trabalhadores da Informação, democratas, antifascistas e revolucionários a estarem presentes na câmara ardente e a tomarem parte no funeral. Que o exemplo de vida de Pedro Soares e Luísa Costa Dias nos dê força para prosseguirmos na luta pela Democracia rumo ao Socialismo.»

No «Século», cujos trabalhadores enviaram, também, um telegrama de condolências, o pessoal da tipografia e da redacção guardou um minuto de silêncio pela morte de Pedro e de Luísa. Eram 22 e 30 do dia 11 de Maio de 1975.





...Manuel Serra esteve presente...



«...Três elementos do COPCON que representavam, igualmente, o brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho (tenente-coronel Antunes Baptista, cap. da F. A. Cifuentes e cap.-ten. José Gouveia)

4 — UM MAR DE FLORES

Durante dois dias, os corpos de Luísa Costa Dias e Pedro Soares estiveram em câmara ardente no Salão Nobre do Pavilhão dos Desportos de Lisboa. Muitos milhares de pessoas lá foram, prestar homenagem àqueles que souberam viver uma vida inteira ao serviço do Povo e do País.

Um mar de flores rodeou, desde as primeiras horas de vela, as urnas dos dois comunistas.

Franqueadas ao público cerca das 19 horas do dia 12, as portas do Pavilhão tinham já sido abertas algum tempo antes para dar passagem a destacados membros do Partido Comunista Português, que fizeram o primeiro turno de vela: Álvaro Cunhal, Blanqui Teixeira, António Gervásio, Sérgio Vilarigues, Dias Lourenço, José Vitoriano, Octávio Pato, Carlos Brito, Carlos Costa e Jaime Serra. Depois, foi de tal ordem o número dos que quiseram prestar uma última homenagem aos fa-

lecidos membros do P. C. P. que se limitou a permanência das várias delegações a, apenas, cinco minutos. Com uma excepção: os companheiros do Tarrafal de Pedro Soares (Marcelino Mesquita, Carlos Ferreira, Henrique Ocshseberg, Joaquim Amaro, Armindo, Tavares, Barata, Manuel da Graça e Joaquim Zacarias).

Gente conhecida nos meios políticos, também passou por ali, apresentando condolências à família dos lutadores antifascistas ora mortos, homenageando estes com um cravo, um ramo de flores, um punho erguido: Maria Lamas, Urbano Tavares Rodrigues, José Tengarrinha, Albano Nunes, Alda Nogueira, Margarida Tengarrinha, Manuel Pedro. Ainda: A Comissão Central da União dos Estudantes Comunistas, a C. C. da U. J. C., uma delegação do Movimento Democrático de Mulheres, elevado número de células do P. C. P., gente do povo, sem emblemas partidários. Apenas gente, o que é muito:

Flores e delegações, também, do M. E. S., da F. S.P., (Manuel Serra esteve presente) do M. D. P./C. D. E., da L. C. I., do próprio Comité Central do P. C. P. e de células do Partido Comunista de todo o País.

Também o P. P. D.: flores e a presença de António Rebelo de Sousa e Pedro Temudo de Castro. E flores do P. S.

De notar um facto importante: na noite do dia 12, um numeroso grupo de católicos ajoelhou pe-



A eng.ª Virginia de Moura (ao centro): do Porto a Lisboa para uma homenagem a que não podia faltar



«...os militantes do P.C.P. não católicos erguiam o
punho...»

rante as urnas de Pedro e de Luísa e, ao mesmo tempo que esse grupo proferia, de joelhos, a habitual oração de defuntos, os militantes do P. C. P. não, católicos erguiam o punho, irmanados numa mesma homenagem a quem, durante tantos anos, combateu pela igualdade, pela fraternidade, pelo fim da exploração do homem pelo homem no nosso País.









«Um mar de flores...»

VEJAM COMO OS COMUNISTAS
SÃO UNÍDOS





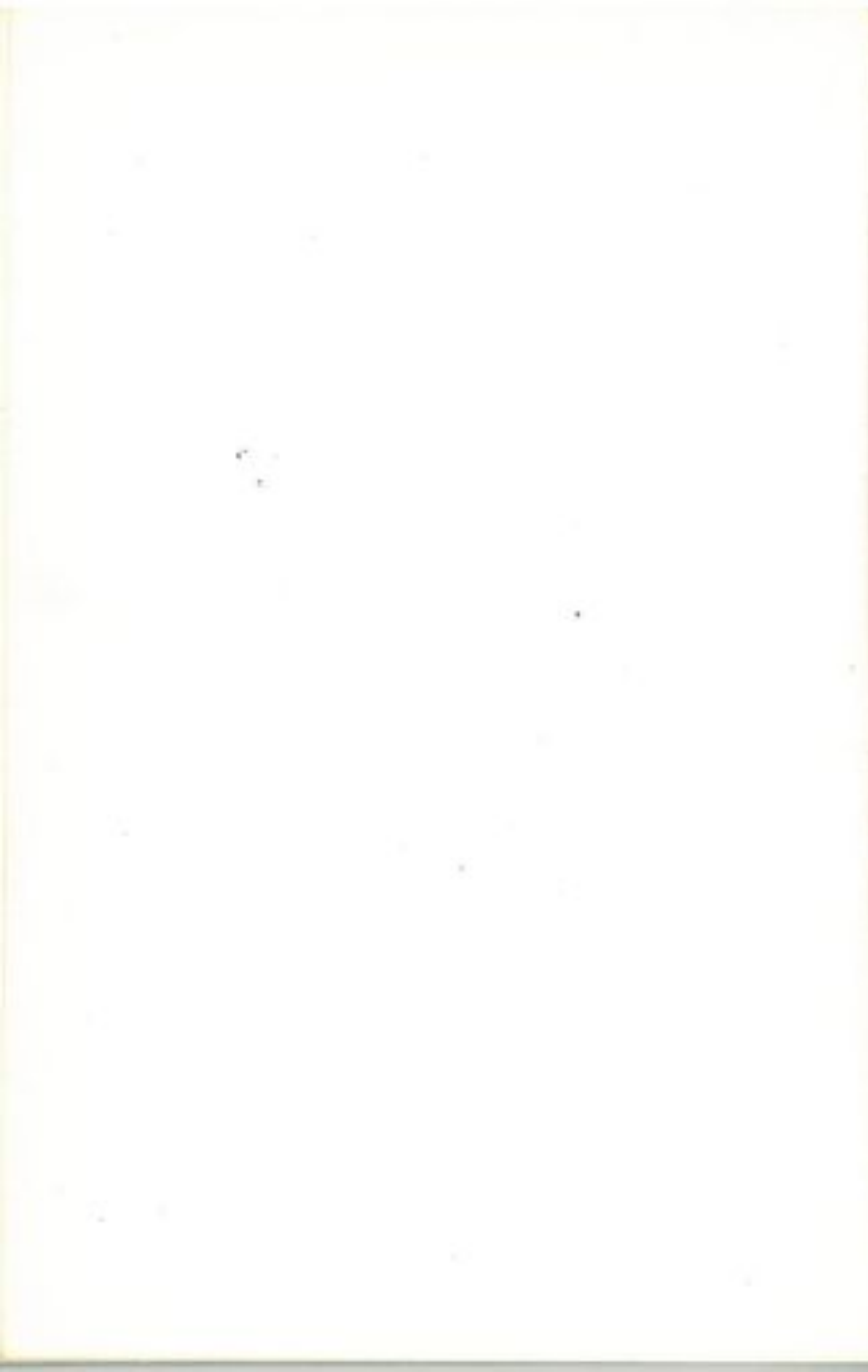
«Um mar de flores...»





«A família dos comunistas é a maior e a melhor, é uma grande família em que todos se querem e respeitam como irmãos.»

Alvaro Cunhal



Estas palavras foram pronunciadas por uma velha, que se benzeu à passagem do funeral. Unidos de facto, numa multidão compacta e impressionantemente silenciosa, os comunistas acompanharam Pedro e Luísa na última viagem, numa espantosa manifestação de solidariedade, de pesar: a homenagem de um povo a quem esteve sempre do seu lado, a quem correu todos os riscos lutando pela liberdade.

Saber ao certo quantas pessoas participaram no funeral é, obviamente, impossível. Mas o cortejo era comparável ao que desfilou pelas ruas de Lisboa no dia 1.º de Maio.

O préstito iniciou-se às 18 horas, saindo as urnas do Pavilhão dos Desportos aos ombros de familiares e de membros do Comité Central do P. C. P., entre os quais Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido.

Incorporaram-se no cortejo, que demorou três horas a percorrer a Avenida Fontes Pereira de

Melo, Avenida da República, Avenida Duque d'Ávila, Rua Visconde de Santarém e Rua Moraes Soares, os membros do Comité Central do P. C. P., familiares de Pedro Soares e de Luísa Costa Dias, três elementos do COPCON que representavam, igualmente, o brigadeiro Otelio Saraiva de Carvalho (tenente-coronel Antunes Baptista, capitão da Força Aérea Cifuentes e capitão-tenente José Gouveia), representantes da F. S. P., da LUAR, do M. D. P./C. D. E., do P. S., do M. D. M., da U. E. C., da U. J. C. e do M. J. T.

Antecedia toda esta multidão camionetas carregadas de flores, algumas transportando, ainda, operários.

Dentro do cemitério, uma multidão aguardava outra multidão. De facto, desde o meio da tarde de 14 de Maio que se começou a concentrar muita gente aí, para assistir à chegada do cortejo e participar nos últimos momentos da derradeira homenagem a Pedro e Luísa.

«Nunca vi nada igual», dizia alguém que não passou despercebido a um dos jornalistas (Josué da Silva) presentes no funeral. «Em 60 anos de vida em Lisboa, assisti a muitos e grandes funerais, mas nunca vi nada que se comparasse.»



*«...aos ombros de familiares e de membros do Comité
Central do P. C. P.»*





A ÚLTIMA HOMENAGEM
DE ÁLVARO CUNHAL



«Só uma grande e justa causa, como a causa do comunismo, só um Partido de vanguarda como o Partido Comunista, pode criar tais lutadores.»









A saída do Pavilhão

Momentos antes das urnas descerem às campanhas rasas, Álvaro Cunhal pronunciaria um discurso. Comovido, mas resoluto, porque «as vidas dos revolucionários valem como sementes», o secretário-geral do Partido Comunista Português disse:

«Camaradas e amigos:

«É unidos no mesmo sentimento de solidariedade e de dor que acompanhamos hoje pela última vez e nos despedimos para sempre de dois irmãos de combate: Pedro Soares e Maria Luísa Costa Dias.

«A perda é profundamente sentida pelos militantes que ao longo de dezenas de anos compartilharam com os camaradas agora desaparecidos a luta revolucionária, a clandestinidade, a deportação, a prisão. É sentida pelos comunistas e pelos trabalhadores portugueses, que tinham nos

dois camaradas grandes companheiros, amigos e defensores e pelos familiares aos quais dirigimos também neste triste momento as condolências do Partido.

«Trata-se de uma grande perda para o Partido numa situação favorável em que os dois camaradas entregavam generosamente as suas energias, o seu talento e a sua grande experiência à realização das tarefas da construção do novo Portugal democrático.

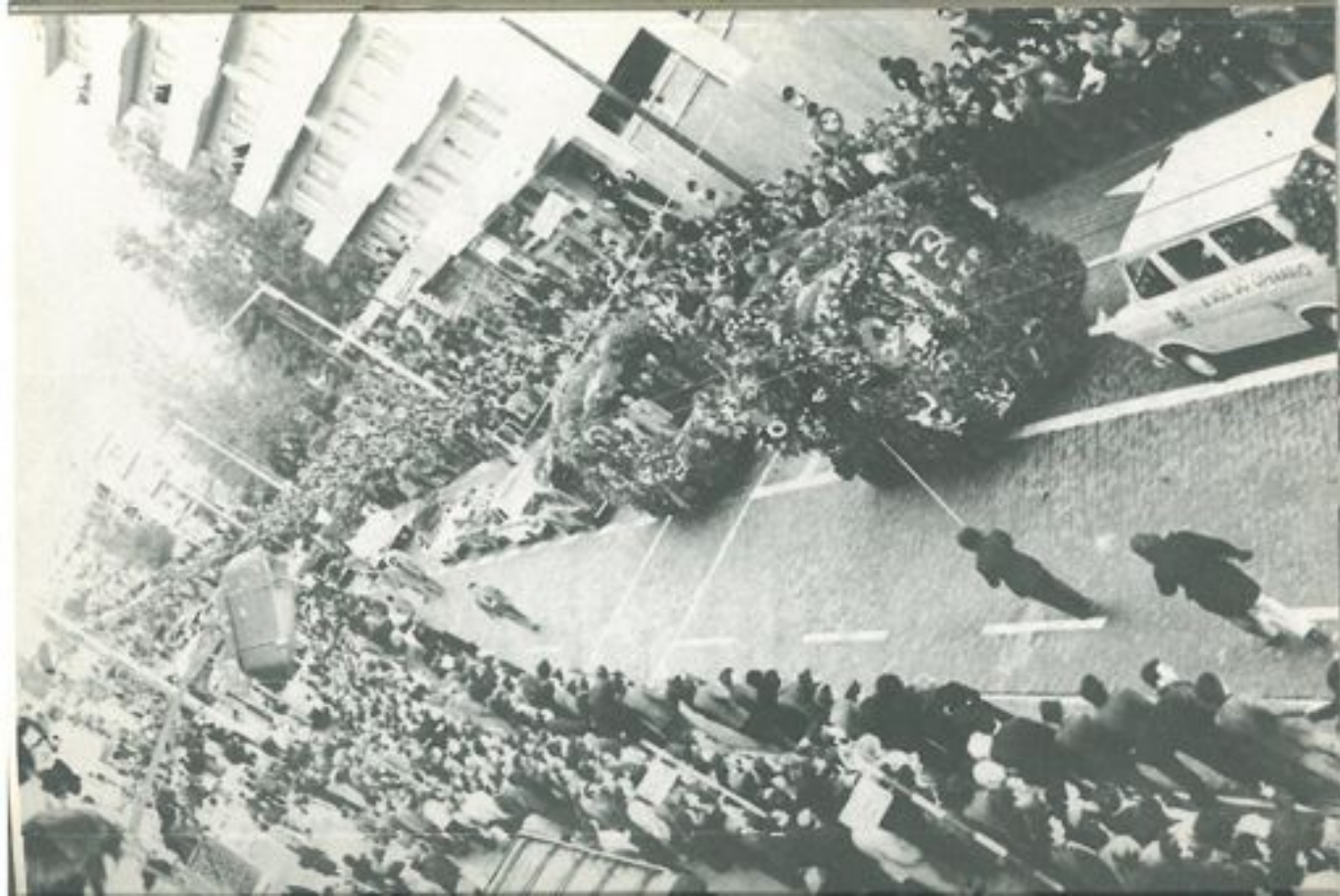
«Todos sabemos porém que aquilo que fizeram ao longo das suas vidas de revolucionários, isso não está perdido, isso está e estará sempre presente na actividade do nosso povo.

«Feliz o Partido que ao fazer o balanço da vida dos seus militantes mortos, pode dizer de um, de Pedro, que, em 60 anos de vida, consagrou mais de 40 à luta revolucionária, que foi preso e torturado numerosas vezes e sempre suportou estoicamente a prova, que passou 12 anos nas prisões, que duas vezes se evadiu para voltar à luta, que passou longos anos de vida clandestina e que sempre esteve pronto a executar as tarefas que lhe foram confiadas e a executá-las com a dedicação, com a coragem, com a firmeza, com a alegria daqueles que na luta nada pretendem para si próprios, pois apenas pretendem servir o povo e o País.

«E pode dizer de outro, de Luísa, católica e comunista, que, de um alto exemplo de dignida-







«...Camionetas carregadas de flores, algumas transportando, ainda, operários»

de e firmeza moral, soube vencer também de cabeça erguida as perseguições, a clandestinidade, a tortura e a prisão.

«Só uma grande e justa causa, como a causa do comunismo, só um Partido revolucionário de vanguarda como o Partido Comunista, pode criar tais lutadores.

«Se tantos hoje assim nos unimos nesta grande expressão de solidariedade, é porque a família dos comunistas é a maior e a melhor, é uma grande família em que todos se querem e se respeitam como irmãos, em que a verdade, a lealdade, a ajuda recíproca e a comunidade de ideias e de actos, são as regras do comportamento e das relações humanas.

«As vidas dos revolucionários valem como sementes na luta dos povos. O esforço e o trabalho tão intensos que se confundem com a própria vida, a coragem tão natural que não necessita de afirmar-se, os sacrifícios tão voluntários que são aceites com alegria, a vida inteira de luta e de combate dos militantes que desapareceram estão bem presentes na actividade actual do nosso Partido e estarão presentes na sua actividade futura, somando-se ao esforço, ao trabalho, aos sacrifícios, às vidas de luta de milhares de outros comunistas, aos quais, em conjunto, se deve uma importante parcela da liberdade que vivemos e do novo Portugal democrático que estamos construindo.

«A luta dos comunistas na situação actual tem como objectivos a defesa dos interesses do povo trabalhador, a instauração de um regime onde estejam reconhecidas e asseguradas as mais amplas liberdades, a realização de profundas transformações económicas e sociais, rumo ao socialismo.

«São estas as grandiosas tarefas do povo português no momento presente.

«A Revolução portuguesa está em marcha. Os trabalhadores portugueses, as massas populares em estreita aliança com o M. F. A., farão frente com decisão a quaisquer tentativas contra-revolucionárias e não permitirão tão-pouco que o eleitoralismo, num País ainda não inteiramente democratizado, venha a abafar a própria Revolução.

«Dadas as características originais da situação portuguesa, não só não queremos como, mesmo se quiséssemos, não seria possível, a instauração de uma democracia formal, em que fosse conservado o poder económico dos monopólios e dos grandes senhores da terra. A Revolução, na sua dinâmica própria, pôs como única alternativa ao povo português: ou o poder dos monopólios e grandes senhores da terra e uma ditadura reaccionária; ou a democracia e a abolição do poder dos monopólios e dos latifúndios, com a realização de profundas reformas que con-



«...Camionetas carregadas de flores, algumas transportando, ainda, operários»



Nas bandeiras recolhidas, o sinal do luto

duzam Portugal ao Socialismo. Não havia terceira solução. E a opção foi feita: a opção socialista.

«Nós, os comunistas, queremos uma democracia para o povo e não uma democracia para uso exclusivo dos grandes senhores. Queremos liberdade para o povo e não a liberdade para explorar e para oprimir.

«Queremos que os recursos nacionais e o produto do trabalho sejam destinados ao bem-estar do povo e não aos consumos egoístas de parasitas milionários.

«O objectivo do nosso povo não é a exploração capitalista encoberta pela palavra socialismo, mas o socialismo, na sua forma portuguesa, mas no seu conteúdo fundamental e universal: a abolição da exploração do homem pelo homem.

«As vitórias alcançadas na luta contra a reacção desde o 25 de Abril, as resoluções históricas do Conselho da Revolução após o 11 de Março (a nacionalização da Banca e de sectores-chave da vida económica nacional e as medidas de reforma agrária) abrem ante o povo português a real perspectiva da libertação política e social.

«Mais felizes do que todos aqueles que lutaram e morreram durante a noite negra do fascismo, Pedro Soares e Maria Luísa Costa Dias viveram tempo bastante para verem brilhar em Portugal o sol da liberdade, objectivo por que

lutaram a vida inteira. Viram realizado este grande objectivo da sua vida de militantes. Não viram outro que foi o norte da sua vida de revolucionários: o socialismo.

«Hoje podemos porém afirmar: será preciso viver bem pouco para não ver o socialismo em Portugal.»

«A aliança do Povo-M. F. A. tem sido a força motora da Revolução. Nela está a raiz dos êxitos alcançados. Nela está a garantia do sucesso futuro.

«Nesta aliança, é de particular importância a unidade das forças populares e democráticas.

«A unidade da classe operária e das massas trabalhadoras nas empresas, evitando a divisão em grupos hostis e procurando sempre definir em comum uma orientação comum e uma acção comum.

«A unidade sindical, na base do grande movimento da Intersindical e sindicatos associados, movimento forjado e desenvolvido sob a repressão fascista, amassado no suor e no heroísmo de milhares de militantes e que depois do 25 de Abril continuou e continua a intervir no processo revolucionário como factor positivo de primeiro plano.

«A unidade de todas as classes e camadas interessadas na construção do novo Portugal democrático: pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, intelectuais, artesãos.









«A unidade das forças democráticas traduzida na sua cooperação na actividade diária face a problemas concretos.

«A unidade da juventude trabalhadora e estudantil. A unidade das mulheres progressistas. A unidade do povo em luta por um futuro melhor.

«Por esta unidade lutaram toda a vida, com o seu Partido, Pedro e Maria Luísa.

«Por esta unidade continuaremos sempre lutando infatigavelmente.

«O Partido Comunista Português que já no tempo do fascismo era um forte Partido, com sólido apoio nas massas populares, é hoje um grande exército político da Revolução.

«Aos militantes experimentados e provados que vêm do tempo da clandestinidade, somam-se os milhares e milhares de novos militantes, que trazem consigo a nova experiência de vida e da luta nas condições do novo Portugal democrático, a determinação, a confiança e a alegria que dá a possibilidade de viver os admiráveis dias da liberdade que vivemos e de intervir activamente na construção de um regime democrático a caminho do socialismo.

«Confirmaremos pela nossa actividade os objectivos da luta dos milhares de comunistas desaparecidos. Construiremos a sociedade por que viveram e morreram gerações de comunistas, por que viveram e morreram Pedro Soares e Maria Luísa Costa Dias.

«Ombro com ombro com o M. F. A. e com outras forças revolucionárias, com a classe operária e as massas populares, vamos pelo caminho certo. Não o caminho de uma sociedade capitalista reformada, mas o caminho de uma verdadeira democracia e do socialismo.

«É ao povo português que cabe decidir do seu destino. Será o povo que decidirá.

«A vitória é difícil, mas é nossa.»



«Vejam como os comunistas são unidos»







«Momentos antes de as urnas descerem às campos
rasas...»



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS







Composto e impresso
nas Oficinas Gráficas
da Empresa do Jornal
do Comércio, S.A.R.L.
para

Junho 1975
5000 ex.

